



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

**RACISMO E DESIGUALDADES: UMA NOVA ABORDAGEM PARA A
HISTÓRIA DE GRUPOS ÉTNICOS NO AGRESTE E SERTÃO DE
PERNAMBUCO**

Danielly Amorim de Queiroz Jales

Universidade Federal Rural de Pernambuco

danamorim7@hotmail.com



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

INTRODUÇÃO

A pobreza e a desigualdade embora constantes na sociedade não podem ser consideradas como situações naturais e espontânea uma vez que são materializadas a partir de processos e estruturas políticas, econômicas e sociais. O objetivo desse artigo é identificar o racismo como principal mecanismo de sustentação a construção da pobreza e desigualdade econômica e social a que foram submetidos grupos de negros no Agreste e Sertão de Pernambuco. O artigo contrapõe-se a idéia de que a grande necessidade de mão-de-obra concentrava escravos apenas na zona açucareira apresentando vários documentos que indicam sua presença no Agreste e Sertão do estado. Explicando ao longo do texto como o processo de dominação e pobreza estiveram juntos, descrevendo que fatores históricos o impulsionaram, bem como os mecanismos que foram essenciais a sua fixação. Assim, o racismo é esmiuçado e ilustrado a partir da análise de relatos e documentos históricos entre os anos de 1845 e 1970, criando um perfil que o exemplifica destrinchando suas principais ações. Os principais relatos são do historiador Luis Wilson, um dos únicos que registrou as relações sociais na região e por sua credibilidade junto às Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Federal de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco.

Para mensurar que aspectos esse ciclo alcançou bem como a instituição da desigualdade, foi utilizado o censo brasileiro por amostra de domicílio que reúne dados sobre raça e cor baseados em técnicas de amostragem representativas com todos os setores da sociedade representados em proporções adequadas sendo capaz de documentar desigualdades étnicas, por isso, verificou-se junto ao IBGE, no censo 2000, dados sobre educação, ocupação e renda em todas as categorias. Foram analisados os municípios São Bento do Una, Altinho, Agrestina, Pesqueira, Pedra, Cachoeirinha, Belo Jardim, Caruaru, Bom Conselho, Alagoinha, Arcoverde, Quipapá, Angelim, São João, Brejão, Garanhuns, Caetés, Saloá, Terezinha e Buíque. O número de pardos é muito superior aos dos pretos, por isso, alguns gráficos consideraram apenas os brancos e pardos, os pretos tiveram um destaque a parte para que fosse especificada sua situação nessas cidades. Conclui-se que as diferenças étnicas mantiveram os negros em constante



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

vulnerabilidade uma vez que a desigualdade tem estado inalterada ao longo dos anos citados.

A pobreza e a desigualdade embora constantes na sociedade não podem ser consideradas como situações naturais e espontâneas uma vez que são materializadas a partir de processos e estruturas políticas, econômicas e sociais.

O termo pobreza utilizado ao longo do texto refere-se ao seu sentido de estreiteza de posses, de haveres, de falta de recursos e escassez¹, algo produzido socialmente e não como resultado de problemas individuais ou apenas fruto de crises econômicas. Sua construção advém de estruturas e processos que lhe dão forma concreta a partir de condições políticas, econômicas e sociais favoráveis, originadas a partir de um evento histórico. (Cattani; Leguizamón; Cimadamore; 2007)

O objetivo desse artigo é identificar o racismo como principal mecanismo de sustentação a construção da pobreza e desigualdade econômica e social a que foram submetidos os negros no Agreste e Sertão de Pernambuco.

O processo de produção de pobreza está diretamente relacionado ao de dominação, seu principal objetivo é o estabelecimento de uma sociedade desigual, com grupos que se sobreponham aos demais nas esferas econômicas e sociais. Um artifício tão cruel necessitava de algo de mesma proporção para justificar sua afirmação. Nesse sentido, a manipulação de diferenças étnicas foi um instrumento empregado para justificar o processo de dominação e extrema desigualdade.

Durante a colonização as faixas de terras próximas ao litoral, Zona da Mata, foram utilizadas na produção do açúcar. As terras do interior foram destinadas a produção de alimentos e animais que suprissem as necessidades do litoral. O Agreste produzia alimentos, algodão e desenvolvia a criação de gado. O sertão fora utilizado na criação de animais. A entrada de escravos em Pernambuco está relacionada ao cultivo de cana-de-açúcar, por este motivo acredita-se que toda mão de obra escrava tenha concentração exclusiva nessa região.

¹ Dicionário Aurélio Buarque de Holanda.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

“Não foi a civilização do sertão marcada pelo negro ou o negro marcou-a pouco. Foi o índio que marcou com o seu sangue, seus amores e seus costumes o nosso outro nordeste”. (WILSON, 1983: 126)

Todavia, a análise de documentos e relatos históricos indica outra versão a história desses municípios.

A presença de grupos de negros surge na região quando a sesmaria de Ararobá, uma extensa faixa de terras, que se estendia de Arcoverde a Quipapá, fora doada a família Vieira de Melo em troca da dominação indígena e desenvolvimento local. Porém, a região vinha sendo constantemente saqueada por grupos de negros levando os moradores das fazendas a abandoná-las deixando para trás animais e produção. Após diversas tentativas em findar os ataques os Vieira de Melo tomam outra postura resolvem aderir as tropas que lutavam contra o Quilombo de Palmares por acreditar que os saques em suas terras ocorriam pela proximidade com o quilombo, sendo uma espécie de rota. Uniram-se a Domingos Jorge Velho e Bernardo Vieira de Melo² fora o criador da contra-cerca que ofereceu proteção ao exército que pode enfim, atacar com segurança destruindo definitivamente o quilombo. Com o fim de Palmares os antigos mocambos de Mulata, Mata Negra, Mata Escura, Lajeiro do Preto, foram transformados em fazendas e sítios firmados com a construção de igrejas e capelas. O que ocorrerá também no Agreste meridional os mocambos de Maria Negra, Camixanga, Zumbi, Rancho do Negro, Timbó e Magano foram destruídos e as fazendas organizadas.

O Censo de 1872 indica que 31% de todos os escravos da província estavam concentrados no Agreste e Sertão, correspondendo a 30% ou 40% do total de Pernambuco relacionados a atividades distantes da produção do açúcar³.

A criação de gado não impediu que o trabalho fosse realizado por escravos, pois em 1855, o Major Joaquim Severino Leite recebera uma grande propriedade de criação de gado na Fazenda Boi Morto, termo de Cimbres, na qual trabalhavam 39 escravos.

A produção do algodão também utilizou mão-de-obra escrava, a Fazenda Jenipapo, localizada em Sanharó, destacou-se em toda região pela produção de café,

² Biografia de Bernardo Vieira de Melo e Nicolau Aranha - Biblioteca Virtual FUNDAJ.

³ Posse de Escravos e Estrutura da Riqueza no Agreste e Sertão de Pernambuco, VERSIANE & VERGULINO, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

algodão e a criação de gado, atividades que o proprietário Antônio dos Santos Coelho da Silva realizava com seus 516 escravos.

Em 1844, a Vila de Cimbres, atual Pesqueira, havia três engenhos, figura na relação dos 642 engenhos das diversas paróquias da província de Pernambuco, e desses, 532 trabalhavam com 3.037 homens livres e 10.471 escravos.

O nome da cidade de Caruaru, a maior do Agreste, veio do nome de uma planta trazida da África, o kalu'lu erva silvestre e comestível. Devido ao rio e brejos, os negros fundaram o Quilombo de Kakalu, nome dado devido a proliferação em seus campos da planta. Posteriormente, o lugar ficou sendo chamado de Caruru com a posse dos Viera de Melo organizou-se a fazenda com o nome de Caruaru.

A Comunidade Quilombola Negros do Osso, localizada em Pesqueira, com uma população total de 199 habitantes distribuídos em 42 famílias, indica que houve a presença na região. (ARCANJO, 2008:66)

O processo de dominação utiliza mecanismos e instrumentos diferentes, mas são parte de seu próprio contexto. É provável que a negação da presença negra tenha sido um instrumento dentro do contexto de dominação. A expulsão desses grupos vai produzir indivíduos sem meios de subsistência. (Leguizamón:2007), Essa postura assumida pelas autoridades terá grande influência no processo de produção de pobreza, uma vez que essas terras eram habitadas por diversas etnias indígenas como os Xucurus de Pesqueira, os Kapinawá de Buíque e os Kambiwá de Ibimirim, e grupos de negros que tentavam se estabelecer através dos quilombos, fato que levou alguns desses indivíduos a mendicância nas cidades.

“Os bons negros de Rio Branco (Arcoverde) passavam o dia e noite pedindo dinheiro a todo mundo.” (WILSON, 1982:159)

Contudo em 1775, esse processo iniciado com violência adquire outros aspectos.

Ordem Régia de D. José I (assinada por Sebastião José de Carvalho e Melo), proibindo, entre outras coisas, chamarem nossos índios de negros. (Livro de Atas da Criação da Vila de Cimbres)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Índios e negros estavam até o momento sendo alvo da expulsão de terras para o estabelecimento de fazendas no suposto desenvolvimento local. Estando assim, num mesmo patamar. Inclusive por haver uma dúvida entre a população sobre quem era quem. Então, o processo de dominação utilizará um mecanismo que lhe é essencial: a divisão. A divisão da sociedade a partir das diferenças étnicas instituindo uma hierarquia étnica que marcou intensamente as relações sociais, com os brancos no comando, os índios importantes por serem os formadores do sertanejo. A partir daí os índios serão teoricamente superiores aos negros, sobretudo na herança cultural.

Uniu-se ao branco e deu uma raça mestiça de vaqueiros e domadores de espaço. Homens de andar anguloso, duro, ossudo, que galopavam a cavalo atrás do gado, nômades malgrado a ligação estreita com a terra. (ROMERO, Silvio apud WILSON, 1982, p 128).

A comparação entre índios e negros era formalmente proibida, entre brancos seguirá os modelos abaixo.

“Genuíno era magro, alto lembrava as vezes os negros do Sudão, entre os quais estão os homens mais altos do mundo e que vistos de longe, conta-se que com suas camisolas brancas, parecem que estão de pernas de pau ou dão a impressão de almas de outro mundo, mas Genuíno era branco, um Cavalcanti, um descendente de Catarina de Florença” (WILSON: 1980: 289).

“E muitas vezes com homens de situação inferior a sua, sendo elas alvas, louras ou de um moreno claro ou pálido. (WILSON, 1983:451)

O racismo marcou profundamente os relacionamentos nessas cidades, havia a prática de colocar a palavra negro antes do nome próprio, chamar negra Quitéria ou negro João. É interessante porque não importava qual o nome próprio, sua pessoa individual, sua origem étnica estava sempre em evidência, uma espécie de lembrete. Quando a relação era com os empregados de casa, cozinheiras, ou pessoas mais populares como os pequenos agricultores que vendiam seus produtos de porta em porta, ajudantes de pedreiro, pintores de paredes, vendedores de água e ajudantes na criação de animais. Estes embora estando mais próximos eram tidos por engraçados, com alegria exagerada quase infantil, onde o desapego ou exagero a vida cristã eram sinônimos de ateísmo ou excesso de pecados, a cantoria das mesmas músicas cantadas no Quilombo de Palmares, o andar descalço eram citadas como marcadores de sua desigualdade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Estes atributos entre outros eram relatados para justificar a deficiência e debilidade mental. Quando o indivíduo negro era mais distante as questões biológicas eram as únicas utilizadas para descrevê-lo explicando seu comportamento. Nesse caso, a descrição vai exaltar os fatores biológicos excepcionalmente os instintos comuns aos animais.

Negro macromélico, lascivo (...) rinchando como um jumento.
(WILSON, 1983: 126)⁴

Estes são alguns dos exemplos de como mecanismos e instrumentos de dominação reproduzidos em diferentes níveis formaram grupos desiguais a partir de suas diferenças étnicas, desigualdade de tratamento que refletiram no acesso a esferas da sociedade que eram essenciais a ruptura desse processo de empobrecimento e estabelecimento de uma estrutura social mais igualitária.

Embora não seja possível caracterizar de forma linear o real estado de pobreza desses grupos, foi utilizado o censo brasileiro por amostra de domicílio que reúne dados sobre raça e cor baseados em técnicas de amostragem representativas com todos os setores da sociedade representados em proporções adequadas sendo capaz de documentar desigualdades étnicas.

COR

A cor e raça estão presentes há bastante tempo nos censos nacionais, com exceção do Censo de 1970. As categorias branca, preta, amarela, parda foram utilizadas desde os anos 50 e só em 1991 e 2000 os indígenas foram incluídos. A classificação é feita segundo a declaração do entrevistado, apenas um membro da família classifica os demais originando dados baseados na própria autoclassificação e na classificação de terceiro, uma vez que apenas um entrevistado pode declarar a cor dos demais membros da família.

⁴ A palavra macromélico significa indivíduo com membros excessivamente desenvolvidos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Dos vinte municípios apenas quatro terão os brancos como maioria da população: Agrestina, Caruaru, Cachoeirinha e Alagoinha. Os pardos serão maioria nos em dezesseis, chegando a mais de 51%. Os pretos têm uma média 3% a 6%. Seu maior número será a cidade de Quipapá com 8%. Os indígenas são menos de 1%, apenas Pesqueira apresentará 4% já que os Xucurus estão concentrados apenas nessa cidade, e os Kambiwá e os Kapinawá estão distribuídos entre duas e três cidades.

ANOS DE ESTUDO

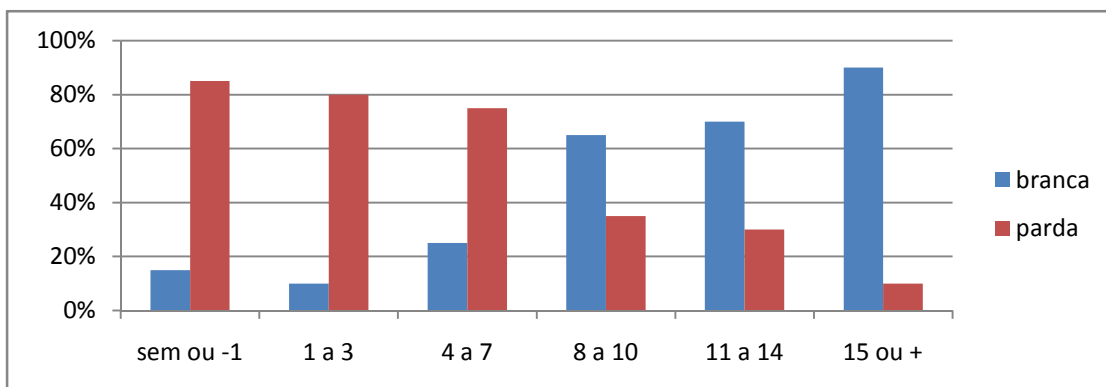
O IBGE dividiu os anos de estudo em grupos que vão do indivíduo sem instrução ou menos de um ano de estudo aos que têm mais de 15 ou mais de estudo. Disponibilizando duas categoria, a partir dos que tinha 5 anos ou os que tinham mais de 10 anos. Como o objetivo é constatar a situação de cada grupo selecionamos os dados a partir pessoas de 10 anos ou mais de idade por grupos de anos de estudo⁵ ou mais, por deixar claro as irregularidades, uma vez que com dez anos a criança tem que ter percorrido num percurso normal, o mínimo de quatro anos de estudo que era o que a maioria das escolas públicas ofereciam na época do Censo, o antigo primário, denominado atualmente de Ensino Básico

De acordo com os dados, sem instrução ou com menos de um ano de estudo, os brancos serão maioria em apenas três municípios: Agrestina, Caruaru e Cachoeirinha. Os pardos são maioria em todos os outros. De um a três anos, 90% dos municípios terão os pardos como maioria. Entre os que têm de quatro a sete anos de estudo os pardos serão novamente maioria com 75%. A partir de oito anos de estudo os números têm uma inversão brusca. Com oito a dez anos de estudo, 65% terão os brancos na maioria e os pardos mesmo sendo maioria da população passam a diminuir. Entre 11 e 14 anos os brancos continuam no topo com 70%. Com quinze anos ou mais os brancos serão 90%. É preciso observar que as cidades de Agrestina, Cachoeirinha, Caruaru e Alagoinha têm maioria da população branca, por isso são maioria em quase todos os grupos.

⁵ Anos de estudo - período estabelecido em função da série e do grau mais elevado alcançado pela pessoa, considerando a última série concluída com aprovação (Censo Demográfico, PNAD, 1991,1992,1993 e 1995)



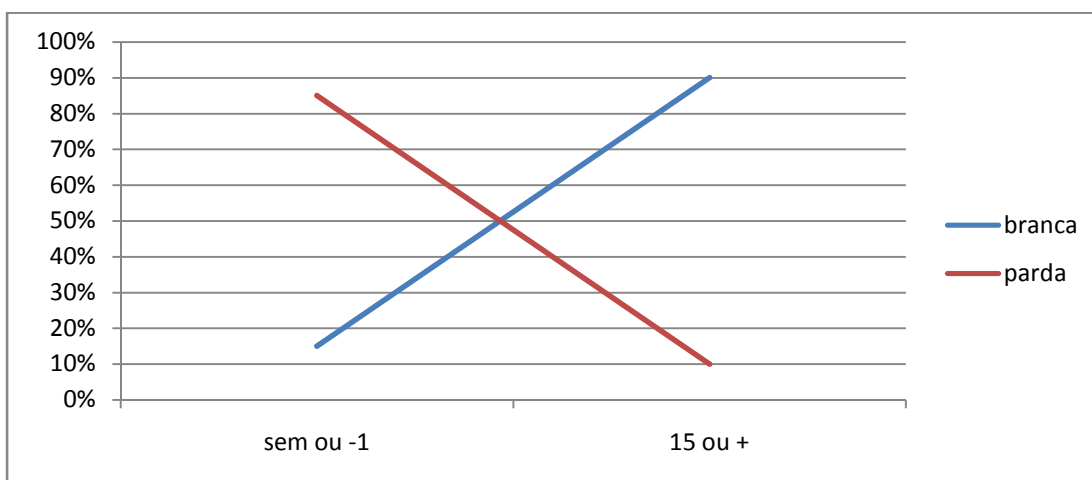
Gráfico 1



Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000.

O Gráfico 1, refere-se aos anos de estudo em todas as categorias nos grupos pardos e brancos que são maioria. É perceptível a medida em que os anos de estudo vão aumentando os pardos vão diminuindo admiravelmente.

Gráfico 2



Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000.

Se examinarmos apenas os que não têm instrução ou menos de um ano de estudo e os que têm 15 anos ou mais. O gráfico 2, deixa claro que os pardos são os maioria entre os analfabetos ou analfabetos funcionais, que é o indivíduo que possui menos de quatro anos de estudo, que é bastante relevante no que se refere à cidadania, uma vez que até a Constituição de 1988, os analfabetos não votavam. É preciso destacar que brancos e pardos tiveram acesso a escola, mas que os pardos ainda encontram



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

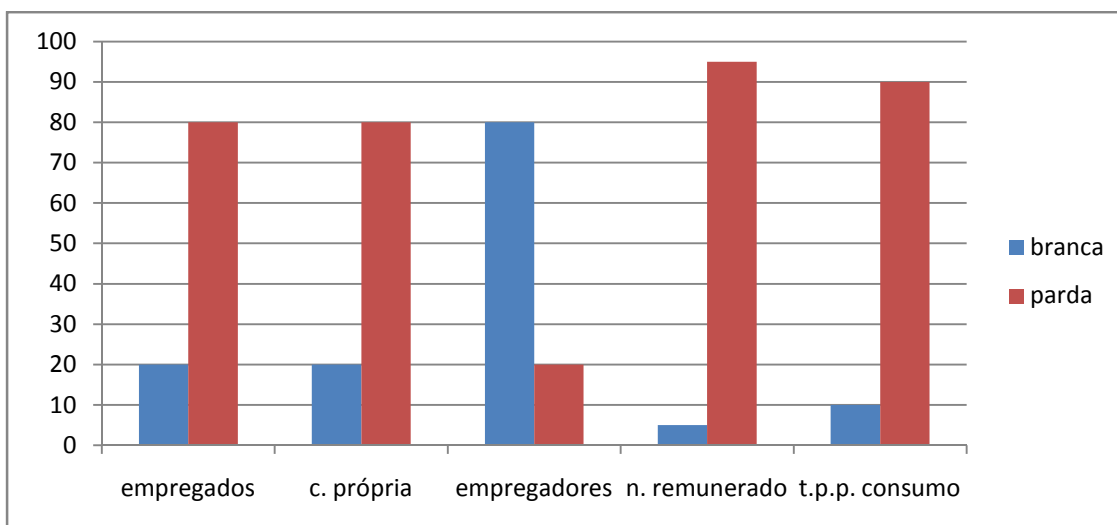
dificuldade no termino do percurso. Os indígenas aparecem com menos de 1%, entretanto os pretos que eram pouco mais de 3% na maioria das cidades aparecem aqui com mais de 8% com nenhum ou poucos anos de estudo, chegando a 8% em cidades que tinham menos de 1% da população como São Bento do Una, 9% em Arcoverde, Buíque. Percebendo-se que mesmo nas cidades com poucos números, os pretos têm baixa escolaridade.

OCUPAÇÃO

O emprego é um eficaz indicador na análise social, pois indica que posição o indivíduo se encontra no mercado de trabalho, sobretudo porque ao observar o emprego, percebe-se como as relações de poder entre patrão e empregado, principalmente nas pequenas cidades, indicando quem está no comando.

A ocupação refere-se às pessoas de dez anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência por cor ou raça e posição na ocupação do trabalho. Foi dividida em cinco grupos: os empregados - pessoa que trabalha para empregador, cumprindo jornada de trabalho e recebendo remuneração em dinheiro, mercadorias, produtos ou somente em benefícios (moradia, alimentação, roupas, etc), os trabalhadores por conta própria - pessoa que trabalha em seu próprio empreendimento, explorando uma atividade econômica sem ter empregados, individualmente ou com sócio, com auxílio ou não de trabalhador não-remunerado. Os empregadores - pessoa que trabalha em seu próprio empreendimento, explorando uma atividade econômica, com pelo menos um empregado. Os não remunerados em ajuda a membro do domicílio - pessoa que trabalha sem remuneração, pelo menos uma hora na semana, em ajuda a membro da unidade domiciliar que é conta-própria ou empregador em qualquer atividade, ou empregado em atividade da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal ou mineral, caça, pesca e piscicultura e os trabalhadores na produção para o próprio consumo – são os que trabalham pelo menos uma hora na semana na produção de bens do ramo que compreende as atividades da agricultura, silvicultura, pecuária, extração vegetal, pesca e piscicultura, para a própria alimentação de pelo menos um membro da unidade domiciliar.

Gráfico 3



Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000.

O Gráfico 3, indica os tipos de ocupação e como os brancos e pardos aparecem. Entre os empregados, os pardos são maioria em 80% dos municípios. Com exceção dos municípios de Caetés, Agrestina, Caruaru e Cachoeirinha. Entre os que trabalham por conta própria os pardos também são maioria com 80% das cidades. Na faixa dos não remunerados em ajuda a membro de domicílio, os pardos passam a 95%. Os brancos serão maioria apenas nas cidades de Altinho e Caruaru. Em trabalhadores na produção para o próprio consumo os pardos serão 95%. Entretanto, no grupo dos empregadores os brancos são 80% e os pardos apenas 20%. Os indivíduos pretos chegam a 13% em trabalhos que não necessitam de escolaridade como na produção para próprio consumo ou entre os não remunerados.

RENDA

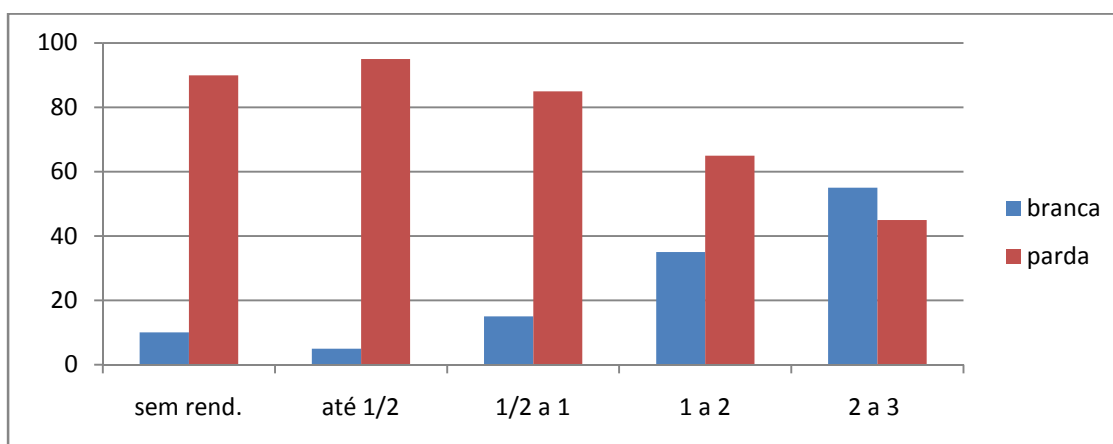
Uma maneira de saber se a disparidade entre brancos e negros está caindo é confrontar a renda. A desigualdade refere-se a distribuição geral da renda, enquanto a pobreza se refere à base da pirâmide de renda. A hierarquia da renda. Analisar a pobreza significa avaliar que grupos estão maior quantidade na base da pirâmide. Quanto ao rendimento foram analisados os indivíduos que vivem com até meio salário mínimo até os que não tem rendimento, chegando aos que ganham mensalmente mais de trinta salários mínimos.



A análise fixou-se no rendimento nominal de todos os trabalhos principal classe de rendimento mensal de todos os trabalhos. Inicialmente, percebeu-se que nas categorias de Educação e Ocupação o número de pretos eram pouco representativos, chegando a pouco mais 2% na maioria dos municípios alcançando agora entre 8% e 11% em diversas cidades. Contudo, esses números vão sempre se referir aos que vivem com até meio salário mínimo ou sem rendimento, nunca ultrapassando dois salários. Os indígenas aparecerão apenas em Buíque e Pesqueira, porém nas mesmas condições que os pretos. A grande diferença vai ocorrer entre brancos e pardos, com 95% estes são maioria dos que vivem na base da pirâmide com até meio salário e 90% dos que vivem sem rendimento. O IBGE considera sem rendimento os indivíduos que recebem apenas algum tipo de benefício. Por questões didáticas foram criados os Gráficos 4 e 5, o primeiro destaca os indivíduos sem rendimento até os que ganham entre dois ou três salários mínimos. O Gráfico 5 analisa apenas os dados entre os que recebem entre três e trinta salários.

Entre os indivíduos que não têm rendimento, os pardos são maioria em 90% das cidades, dos que recebem entre meio até um salário os pardos serão 85% no municípios sendo nessa faixa mais 70% dos indivíduos. Entre 1 e 2 salários são 65% e os brancos 29%. Em todas as faixas a única em que os brancos e pardos vão estar de maneira mais equilibrada será entre os que recebem de 2 a 3 salários, uma vez que os brancos têm 55% e os pardos 45%.

Gráfico 4

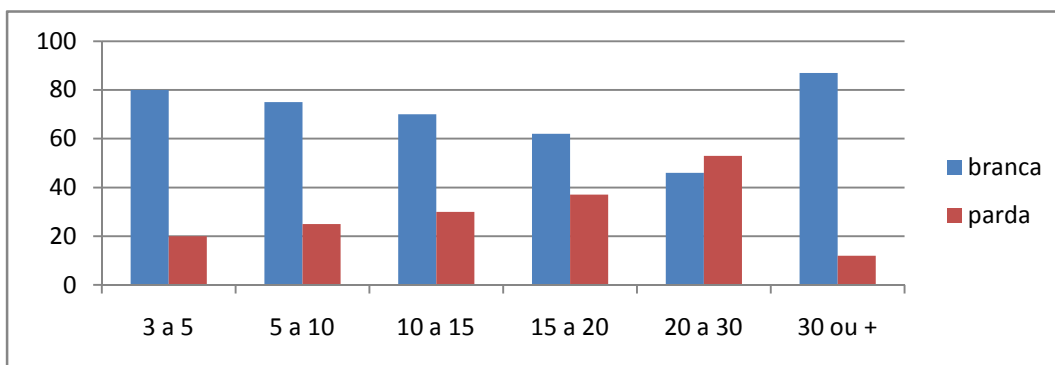


Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000.



Até aqui havia uma extrema diferença entre os grupos com os pardos sendo sempre maioria nos faixas mais pobres. Em 80% dos municípios os brancos são maioria dos que recebem de 3 a 5 salários. De 5 a 10 salários compreendem 75%. Entre 15 e 20 salários são 67,5% e os pardos apenas 37%. Entre os que recebem de 20 a 30 salários os brancos serão são 46% e os pardos 53%. Dos que estão no grupo que tem entre 30 salários ou mais, os brancos terão 87% e os pardos apenas 12%. É preciso destacar que entre 10 a 30 salários, quando os brancos são maioria, apresentam números superiores a 74% em todos os municípios.

Gráfico 5



Elaboração própria a partir dos dados do Censo 2000.

CONCLUSÃO

A pobreza embora constante na vida de diversos indivíduos não é natural ou espontânea, é construída historicamente e sustentada socialmente. Contrapondo-se a estrutura açucareira do Litoral e Zona da Mata, o interior do estado teve sua economia voltada à criação de gado, atividade que necessitava de grandes extensões de terras. Entretanto, essas terras eram habitadas por diversas tribos indígenas e negros organizados que fugiam da escravidão canavieira. Em troca da conquista e retirada violenta desses grupos inúmeras propriedades foram doadas. A tomada dessas terras marcará concomitantemente a constituição de dois grupos sociais distintos. Um grupo de fazendeiros e grandes proprietários que passaram a comandar as pequenas cidades e vilas. E de agricultores de subsistência que expulsos das terras têm a capacidade de sobrevivência muito restrita. Esse mecanismo foi extremamente eficaz, uma vez que produzia também um grupo de pessoas com extremas limitações quanto ao trabalho e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

renda. Estando em mesma situação os grupos de índios e negros passaram a peregrinar pelas vilas, contudo, as autoridades criaram um decreto no qual os índios passam a ser denominados de nossos e proibindo que fossem chamados ou confundidos com negros.

O processo de formação da pobreza e dominação quando advém de lutas e disputas está sempre em construção. Pois, sua manutenção depende da dominação de grupos que passaram por grandes restrições. A legislação que separou etnicamente os índios dos negros instituiu e impôs pirâmide social. Os brancos proprietários no topo e comando, os índios formadores do sertanejo que venceu as dificuldades do sertão e o negro biologicamente inferior. Com a Lei, a palavra negro passou a ser empregada antes do nome próprio, mesmo para indivíduos que tivessem relações mais próximas como os empregados. Uma maneira de lembrar a que grupo pertenciam, de forma que não importava seus atributos individuais estavam constantemente situados no grupo desqualificado. É provável que este apadrinhamento com os índios tenha sido mais um mecanismo que desejava evitar maiores confrontos entre índios e brancos considerando o número de indígenas que habitavam a região por não haver nenhum relato ou documento que indique que tenha tido algum benefício social ou econômico.

Ao manusear as características étnicas de cada grupo, legalizando negativamente essas diferenças, a estrutura de dominação estava criando bases valiosíssimas que passaram de geração em geração chegando aos dias atuais. Os dados do IBGE, deixam claro que as diferenças étnicas são diferenças sociais atualmente. Os brancos permanecem nas melhores posições quanto a educação, ocupação e rendimento. Sendo os pardos e pretos maioria absoluta com menos anos de estudo, com os empregos que lhes oferecem menores salários. O racismo foi essencial ao processo de pobreza de negros uma vez que estas cidades tiveram por base econômica o comércio é provável que estes indivíduos por serem considerados débeis não tenham conseguido emprego estando em situação de constante vulnerabilidade, uma vez que se analisarmos as pobrezas absolutas e relativas estes são os mais prejudicados por estarem em maior número diferentemente dos brancos que são maioria nas melhores situações.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCANJO, Juscelio Alves. Terras de Preto em Pernambuco: Negros do Osso etnogênese quilombola. Dissertação de mestrado em Estudos Étnicos e Africanos - UFBA, 2008.

Cimadamore, Alberto D, Produção de pobreza e desigualdade na América Latina Iberto D. Cimadamore ...; organizadores: Antonio David Cattani, Alberto D. Cimadamore ; tradução: Ernani Ssó. — Porto Alegre :Tomo Editorial/Clacso, 2007.

HASENBALG, Carlos. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. 2ª ed. Belo Horizonte. Editora UFMG; Rio de Janeiro IUPERJ, 2005.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Plana Nacional de Amostra de Domicílios Censo 2000, acesso 2009.

NOGUEIRA, Oracy. Tanto preto quanto branco. Estudos das relações raciais. São Paulo. T. A. Queiroz, 1985.

SALLES, Augusto. Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas / Sales Augusto dos Santos (Organizador). – Brasília: Ministério da Educação : UNESCO, 2005.

SCHWARCZ, Lília Moritz. O espetáculo das raças. São Paulo. Companhia das letras, 1993.

TELLES, Edward. Racismo á brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2003.

WILSON, Luiz. Minha cidade, minha saudade: Arcoverde (Rio Branco), reminiscências e notas para sua história. 2ª ed. Recife. Centro de Estudos de História Municipal/ FIAM, 1983.

_____. Município de Arcoverde (Rio Branco): cronologia e outras notas. Recife. Secretaria de Educação, 1982.

_____. Ararobá Lendária e eterna. Edição da Prefeitura de Municipal de Pesqueira. Recife. 1980.